



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía

Arquivo de um confinamento: exercícios de encenações e recriações do aprendizado

Lisete Regina Bampi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

lisete.bampi@ufrgs.br

Fabricio Gasteasoro Tourrucôo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

fabricio.tourrucoo@ufrgs.br

Gabriel Dummer Camargo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

gabriel-dcamargo@educar.rs.gov.br

Palavras-chave: arquivo, exercícios, tradução de signos, jogo poético.

Resumo

A pesquisa em educação envolve movimentos que atravessam criações necessárias, entre dados que ressoam sentidos de um fazer que é do outro e, também, de nós mesmos. O trabalho que aqui apresentamos conecta-se com projetos anteriores desenvolvidos junto ao Departamento de Ensino e Currículo da FAGED/UFRGS e aos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Educação Matemática da UFRGS. Em uma pesquisa sobre o aprender em Deleuze, desenvolvemos um modo de interpretar os mundos dos signos que traduzimos em exercícios de encenações e recriações do aprendizado. Entre as sucessivas traduções de discursos e experiências docentes, surgiu a necessidade da produção de um “arquivo” da própria produção, o qual manifesta uma imagem e uma organização do pensamento, também do que víamos e do que era necessário exemplificar e explicar. Desta forma, percebemos conexões entre os trabalhos que constituem a produção em qualquer língua falada na América Latina, em seus modos de pensar a educação que surgem nessas conexões em seus múltiplos enfoques e temas. Com Foucault, podemos afirmar que quando um trabalho não é ao mesmo tempo uma tentativa para modificar o que se pensa e, inclusive, o que se é, não é muito



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía

divertido. Afinal, trabalhar é propor-se a pensar algo diferente do que se pensava antes. Seguindo ecos e linhas de atravessamento sobre experiências de um ser relativo ao ofício do professor, e do interpretar de uma *teórica* docente, meneamos metodologias que não distinguem uma dicotomia teoria-prática, mas que realçam brechas e traduções possíveis de um *arquivamento*. As encenações sacramentam as dualidades do pensamento, produzindo conexões entre os signos e as interpretações. Deste modo, percebemos um *combate amoroso* entre o pesquisador e os resultados da pesquisa, o que exige um processo permanente de reconstrução e recriação dos procedimentos que são reinventados como formas de análises já existentes. Afinal, o fazer da pesquisa, em seus objetivos e referenciais, manifesta o comprometimento de um caminho idôneo através de campos de saberes já construídos. O *aprender* como um personagem que se movimenta *entre* cenas escolares, desenha o contorno de um mesmo *ser* de atenção que produz sentido *entre* prática e teoria, e vice e versa, em seus modos de expressão. Em suas exercitações, o *aprender* percorre caminhos possíveis, ajudando-nos a encontrar os meios para dizer o que estamos fazendo *entre confinamentos* — noção em desenvolvimento. Entre explicações, criações e inquietações, formulamos a questão: como separar método e criação, sendo que a cada exercitação, temos uma nova encenação, e a possibilidade de recriação, como uma oferenda à tradução? Observamos que um *professor arquivista* torna-se em um tradutor de signos que se exercita amorosamente com a matéria de tradução, encenando-se com o original e recriando-o na própria língua. Na produção do nosso arquivo, traduzimos possíveis encontros com os mundos dos signos do aprender pela releitura e reescritura de noções que estão sendo encenadas e recriadas pela pesquisa, tais como a de “didática dos signos”, “jogo poético”, “texto-imagem”, “objeto-obra”. Noções que fazem sobressair as exercitações; evidenciando encontros e rupturas na produção, incorporam referenciais atuais entre filosofia, literatura, matemática e educação. Segundo nossa tradução, mesclando-se na diferença de aproximações e distanciamentos singulares da didática dos signos, criamos categorias que ressaltam encenações e recriações docentes dos discursos de professores, estudantes e pesquisadores, em um movimento de *arquivização*. Dessa forma, produzimos um discurso próprio que não se distingue de uma prática, oferecendo visibilidade aos próprios saberes e aos saberes de outros, sem jamais repeti-los. O esforço de tradução desse discurso envolve essa pesquisa em conexões homogêneas que exigem criatividade, organização e disciplina: relaciona o possível e o impossível, o que sabemos e o que ignoramos.



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

O movimento desse estudo se reconstrói na experimentação e no trabalho do *professor tradutor*, em suas descobertas, formulações e hesitações. Mesmo nos pontos obscuros e indefiníveis, podemos reconhecer um foco, um recorte e um limite, onde as singularidades das objetividades dos saberes produzidos são passíveis de generalização. Afinal, o princípio desta pesquisa reflete-se em “texto-imagem” e trata de uma tradução e *arquivização* de uma potência de aproximação de uma língua pura. Em termos de expressão e estilo, seguimos em uma tradução de signos, na qual os *professores cansados, esgotados, contemporâneos, tagarelas, ciumentos, atentos, errantes*, entre outros, ressurgem como *personagens tradutórios* que auxiliam na composição de uma imagem do nosso pensamento, e da nossa caixa de ferramentas. As encenações não constituem, propriamente, uma tradução de signos. Pois, são as exercitações de encenações, sempre sujeitas ao fracasso, que garantem as recriações. Com efeito, é na tradução de signos que são produzidas as exercitações posto que são as recriações que tornam possível as figuras dos nossos *professores*. É nas exercitações que eles são engendrados, *entre confinamentos* e signos amorosos. O processo de produção do arquivo causou inquietações em nós mesmos e, até mesmo, podemos causá-las em outros. Pois, trata-se de um movimento de ressonância entre o que somos, o que fazemos e o que produzimos enquanto *professores atentos* à pesquisa. O exercício de recapitular a produção, e poder traduzi-la de um outro modo, nos faz ver muitos detalhes que não foram explorados: um modo que reflete preocupações com temas entre filosofia e educação. Entendemos que este movimento de pesquisa merece um tratamento analítico, reconectando trabalhos desenvolvidos e outros por fazer e, assim, solvendo singularidades de um tempo perdido capaz de produzir hieróglifos a serem interpretados *entre* filosofia e educação. Não é propósito desta apresentação indicar todos os trabalhos que vislumbramos na essência dessa experiência de pesquisa, antes trata-se de um movimento de recriação e atenção aos vazios que permeiam as linhas que trilhamos no estudo dos saberes (dados para os outros). Com uma lente microscópica e telescópica, olhamos para brechas ínfimas do arquivo produzido e, em suas entrelinhas, observamos pistas de um método que emerge da diferença, seja na percepção docente ou nas metodologias e procedimentos que se entrelaçam nos fazeres e referenciais teóricos que afirmam nosso trabalho. Na ênfase do que propomos aqui, para compor essa reescritura, anunciaremos o que não está dito e o que ressoa através deste espaço e tempo singulares e pode ser apresentado nessa tradução, onde nos exercitamos e nos encenamos, inclusive, com a palavra “resistência”



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía

que deixou hieróglifos a serem interpretados em nossos estudos passados. Aquele que se exercita em recriações do próprio aprendizado, aprende que está recriando-se a si mesmo, desafiando matérias que resistem em suas singularidades. E essas singularidades são produzidas nas próprias exercitações com as encenações necessárias às suas recriações por meio das quais os *professores* afastam-se de si mesmos e da aula, convertendo-se em encenadores das próprias recriações. E em torno da posta em cena das recriações, reconstituem a *língua-signo* da aula como um espaço de interação entre professores e estudantes. Entre signos amorosos, confinamo-nos na intimidade do estudo e percebemos modos próprios de proceder, segundo certa *capacidade de tradução* que encontramos naquilo que amamos. A exercitação é uma forma de amor e uma questão de atenção ao objeto da atenção: é estudo. E a exercitação já é o que confina, *entre confinamentos* — um espaço *quase* vazio, que deve permanecer *quase* para que possamos encenarmo-nos e nos reinventar no presente. Nos primeiros estudos de Foucault, a palavra resistência manifesta-se sempre anterior ao poder: resistência aos códigos, às leis, às normas, por exemplo. Em seus últimos trabalhos, ela ressurgue conectada ao ideal nietzschiano da autocriação estética. A prática de uma estética do eu não é nada mais nada menos que as formas pelas quais os indivíduos são produzidos e se produzem enquanto sujeitos. A ideia de que a vida de alguém pode ser encenada e recriada como uma “obra de arte” abre possibilidades de escolha de novas formas de experienciar-se a si mesmo. Daí que uma escolha não poderia ser dicotômica. Daí que as exercitações se tornem um modo de resistência na própria experiência de subjetivação da docência. Com Blake e Cortázar começamos a pensar a palavra resistência como uma espécie de personagem que morre, ressuscita e renasce em produções que compõe o nosso arquivo, em circunstâncias diferentes. As exercitações sacramentam as dualidades do pensamento, de acordo com as inquietações que encenamos e são grávidas de perguntas pela eficiência e eficácia de procedimentos educacionais. E as perguntas indagam por possibilidades, sentidos e significados de metodologias que afirmam conexões entre educação, filosofia e outros campos de saber. E isso nos faz pensar a palavra resistência como um de “jogo poético” que faz do próprio trabalho objeto e matéria de estudo — uma poderosa brincadeira que é verificada pelo esforço de atenção que cada um dedica a cada exercitação. O signo sensível envolve-se em cada encenação, no olhar, no gesto, no analisar e na tentativa de se comunicar com outros mundos e seres pensantes. No comunicar, encontramos algo que havia passado despercebido em meio às hipóteses dessa



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

pesquisa e que o arquivo possibilitou ver. Por sua vez, o signo artístico pode surgir a partir deste ponto de decifração e expressão, mesmo em potência, envolvendo-se em todos os demais mundos de signos. As traduções apresentadas são criações e, também, não deixam de ser renascimentos em educação e pesquisa. As exercitações tornam-se um modo poético de proceder: uma espécie de “princípio metodológico” que se manifesta quando se chega fatalmente a um ponto em que não é possível distinguir entre aquilo que é nosso e aquilo que pertence ao objeto do aprendizado. É quando compreendemos nossa maneira especial de proceder – se temos uma – no pensamento e na investigação. Por princípio, encenamo-nos e nos recriamos na própria tradução *entre* Deleuze, Foucault, Agamben, Rancière, Jacotot, Lispector e Calvino. Para além das questões criadas em termos de uma tradução, existem as relações sobre como o movimento desta produção foi possível e o que proporcionou a quem vos escreve, por movimentos de composição deste discurso. Assim, no âmbito de uma janela pessoal do texto, observo os aprendizados entre as encenações e recriações em um processo de organização a fim de se extrair as essências almeçadas do arquivo. Saliento que, entre as traduções pretendidas, muitas necessidades imprevistas se moldaram, levando ao cansaço em meio a um tempo que fugiu do domínio da vontade. Entre as dificuldades de uma movimentação docente, a saúde também precisou encontrar seus próprios caminhos entre processos pandêmicos, mentais, físicos e familiares. De modo fortuito e curioso, nossa rotina investigativa se aproxima do próprio movimento metódico traçado por Foucault, segundo o qual copiava passagens dos livros e dos documentos que consultava e analisava, produzindo uma imensa quantidade de fragmentos matizados de outros fragmentos que produziam borradores como um ensaio de ideias com as quais encenava e recriava os seus ditos e escritos, ou seja, o próprio arquivo. Essa lente que oferecemos se ajustará de formas diversas a cada olhar docente envolto em personagens, conceitos, conexões entre signos mundanos e amorosos que manifestam potencialidades na educação. Outros arquivos em seus próprios espaços e tempos produzirão outras exercitações com encenações específicas, singulares em suas recriações, possivelmente, diferentes em suas repetições. Por isso, nosso arquivo, determina os limites e as formas de apropriação dos discursos e práticas que o compõe que se transformam a cada exercitação, brindando-nos com novas traduções nesse jogo que é cada releitura, cada reescritura. Em nosso tempo, generosidade e gentileza com os discursos dos outros são indissociáveis das práticas que compõem nosso arquivo. Contudo, uma decepção pode renascer



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

no momento de uma exercitação, segundo uma tarefa que deve ser revisada para não comprometer a própria exercitação. E continuamos a nos indagar: como separar método e criação quando vemos processos se sobreporem e, simultaneamente, se cruzarem em uma produção? O que nos intriga é o *é* (desde o início). A lança *já está* na pergunta. De um outro ponto de partida, há que se polir a ponta, e de um outro modo, lançar a flecha. Ah, já estavas esperando as reticências? Não sabemos tanto assim de nós mesmos. Por isso, nosso arquivo está marcado de hieróglifos a serem decifrados neste espaço de divulgação e conversação aberto para pensar a educação em e desde a América Latina.